



Jovens são os mais afetados na segunda recessão em 5 anos

No 2º semestre, a taxa geral de desemprego no País era de 13,3% e, entre a população de 18 a 24 anos, de 29,7%

Os brasileiros de 15 a 19 anos são os que tiveram o maior recuo na renda entre 2015 e 2019, com queda de 24%. Entre os de 20 a 24 anos, a perda foi de 11%. Agora, os jovens estão novamente entre os mais atingidos pela recessão e o desemprego provocados pela covid-19. Entre o primeiro e o segundo trimestre de 2020, esses grupos perde-

ram 34,2% e 26% da renda, respectivamente, de acordo com o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social). No segundo trimestre deste ano, enquanto a taxa geral de desemprego no País era de 13,3%, entre a população de 18 a 24 anos ela alcançou 29,7%. O desemprego é historicamente mais alto entre os jovens,

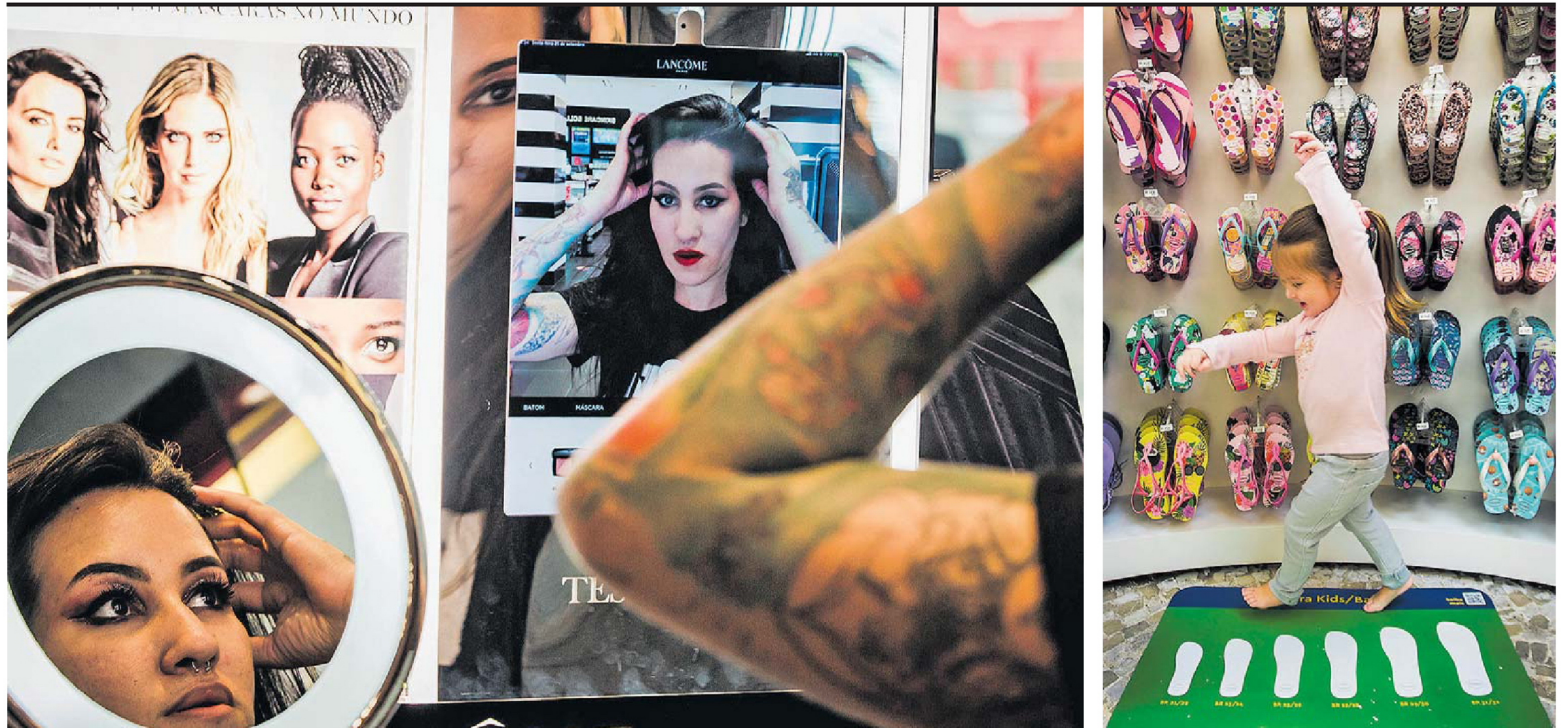
mas a distância entre a média do País e a registrada entre eles aumentou na crise de 2015/2016 e nunca mais voltou ao nível anterior. Estudos mostram que o mercado de trabalho precário no início de carreira pode comprometer salário desses profissionais por toda sua trajetória, fenômeno chamado de "efeito cicatriz". **ECONOMIA / PÁGS. B1 e B3**

• Escolas e mercado

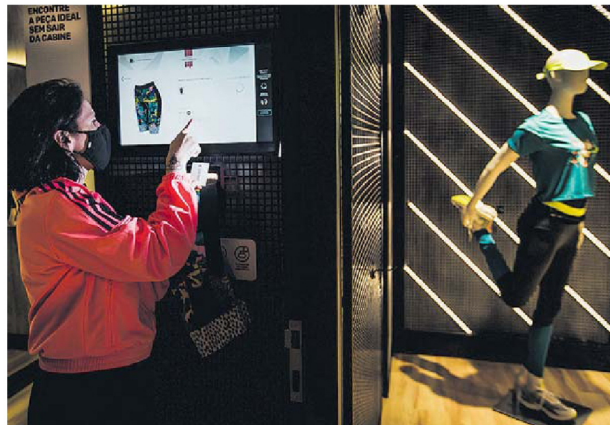
Para o economista Marcelo Neri, diretor do FGV Social, melhorar a conexão entre escolas e o mercado de trabalho é uma das medidas que podem reduzir o desemprego de quem está começando a vida profissional. **PÁG. B1**

Assessor diz que quadro de Trump é 'preocupante'

Em meio a relatos médicos de que Donald Trump, internado com covid-19, passa bem, seu chefe de gabinete, Mark Meadows, afirmou que "sinais vitais foram preocupantes e as próximas 48 horas serão determinantes para o tratamento". Minnesota, Estado do último comício de Trump, é um desafio para os republicanos, informa Beatriz Bulla. **INTERNACIONAL / PÁGS. A8 a A10**



Sem toque. Realidade aumentada para experimentar maquiagens, provadores inteligentes virtuais e pedidos de produtos por redes sociais são algumas das novidades do comércio



Lojas do futuro

ONDE TUDO É DIGITAL E CONECTADO

Mudanças de comportamento do consumidor por causa do isolamento social aceleraram o surgimento da loja física do futuro: superconectada, digital e cheia de experiências. O comércio deixou de ser "passivo", à espera do cliente. Vendedores entram em contato por redes sociais, há provadores inteligentes e filas virtuais. **ECONOMIA / PÁG. B4**



FOTOS: VALERIA GONÇALVES/ESTADÃO

Jovens são os mais afetados na segunda recessão em 5 anos

No 2º semestre, a taxa geral de desemprego no País era de 13,3% e, entre a população de 18 a 24 anos, de 29,7%

Os brasileiros de 15 a 19 anos são os que tiveram o maior recuo na renda entre 2015 e 2019, com queda de 24%. Entre os de 20 a 24 anos, a perda foi de 11%. Agora, os jovens estão novamente entre os mais atingidos pela recessão e o desemprego provocados pela covid-19. Entre o primeiro e o segundo trimestre de 2020, esses grupos perde-

ram 34,2% e 26% da renda, respectivamente, de acordo com o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social). No segundo trimestre deste ano, enquanto a taxa geral de desemprego no País era de 13,3%, entre a população de 18 a 24 anos ela alcançou 29,7%. O desemprego é historicamente mais alto entre os jovens,

mas a distância entre a média do País e a registrada entre eles aumentou na crise de 2015/2016 e nunca mais voltou ao nível anterior. Estudos mostram que o mercado de trabalho precário no início de carreira pode comprometer salário desses profissionais por toda sua trajetória, fenômeno chamado de "efeito cicatriz". **ECONOMIA/PÁGS. B1 e B3**

● Escolas e mercado

Para o economista Marcelo Neri, diretor do FGV Social, melhorar a conexão entre escolas e o mercado de trabalho é uma das medidas que podem reduzir o desemprego de quem está começando a vida profissional. **PÁG. B1**

Geração crise. Na pandemia, desemprego entre população de 18 a 24 anos passou a ser mais do que o dobro da taxa nacional; mercado de trabalho precário no início de carreira pode comprometer salário desses profissionais por toda a trajetória, no chamado 'efeito cicatriz'

Jovens são os que mais sofrem com segunda recessão em cinco anos

Marcas da Covid



Luciana Dyniewicz

Edna Carolina Esteves Telmo tem 23 anos, é formada em Letras e teve um único emprego na vida até hoje, que durou cinco meses. Ela começou a procurar um primeiro trabalho pouco antes da recessão de 2015 e 2016, quando ainda estava na faculdade, para ajudar as tias a pagar as contas da casa. Tentou vagas de recepcionista e atendente, mas ninguém a contratou no meio da crise.

Após três anos de procura, no fim de 2018, conseguiu uma vaga em uma empresa de telemarketing, mas cinco meses depois foi demitida. "Estava tendo corte de pessoal e quem tinha avaliação da média para baixo foi mandado embora. Minha nota estava na média", conta.

Desde o ano passado, ela voltou a buscar emprego, mas, com a pandemia do coronavírus, as perspectivas se tornaram piores. "Tenho tentado umas 20 vagas por mês, em qualquer área. Antes chamavam para entrevistas, parece que consideravam currículo sem experiência. Agora, não chamam nem respondem e-mail", diz ela, que ajudou a pagar as contas da casa nos últimos meses com o auxílio emergencial. As tias, uma professora do ensino público e uma atendente em uma loja de cartuchos para impressora, sustentam a família.

Edna faz parte da geração que mais sofreu os efeitos das últimas crises: jovens cuja renda despencou entre 2015 e 2017, que não tinham conseguido se recuperar ainda desse impacto e que estão, novamente, entre os mais atingidos pela nova recessão.

Levantamento do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social)

aponta que pessoas de 15 a 19 anos foram as que tiveram o maior recuo na renda entre 2015 e 2019, com uma queda de 24%, seguidas por aquelas que tinham entre 20 e 24 anos, cujos rendimentos diminuíram 11%. Agora, entre o primeiro e o segundo trimestre deste ano, esses grupos perderam

34,2% e 26% da renda, respectivamente.

A queda acentuada do rendimento dos jovens é explicada pelo fato de eles serem os mais

atingidos pelo desemprego. No segundo trimestre deste ano, enquanto a taxa de desemprego no País estava em 13,3%, entre a população de 18 a 24 anos

ela era mais que o dobro e alcançou 29,7%.

O desemprego é historicamente mais alto entre os jovens. A questão é que essa distância entre a média do País e a registrada entre eles aumentou na recessão de 2015 e 2016, nunca mais voltou ao patamar anterior e, na pandemia, disparou.

Antes de 2015, a diferença da taxa de desemprego entre a população brasileira em geral e os jovens era de 8,3 pontos percentuais. Em 2017, chegou a 14,2 pontos e, com a recuperação – ainda que lenta – da economia em 2018 e 2019, passou a diminuir. A crise do coronavírus, porém, fez essa diferença alcançar 16,4 pontos percentuais entre abril e junho de 2020. O problema é ainda maior quando se considera o chamado efeito cicatriz, isto é, um efeito de longo prazo na carreira dos jovens que entram no mercado de trabalho em meio a uma recessão (leia mais na B3).

Concorrência. A alta taxa de desemprego entre os mais jovens é explicada pelo fato de que, em meio a uma crise, pessoas com alguma bagagem profissional acabam topando trabalhar por salários inferiores, passando a ocupar vagas que, inicialmente, seriam destinadas aqueles que acabam de concluir os estudos.

O economista Lucas Assis, da consultoria Tendências, lembra que, globalmente, os jovens já têm uma dificuldade maior para se inserir no mercado devido a um problema de "assimetria informacional", isto é, faltam informações para os empregadores sobre a produtividade de quem está no início da vida laboral.

"No Brasil, isso é mais grave por causa da baixa escolaridade. Jovens tendem a ter menos anos de estudo e concorrem com pessoas desempregadas de maior qualificação", acrescenta Assis.



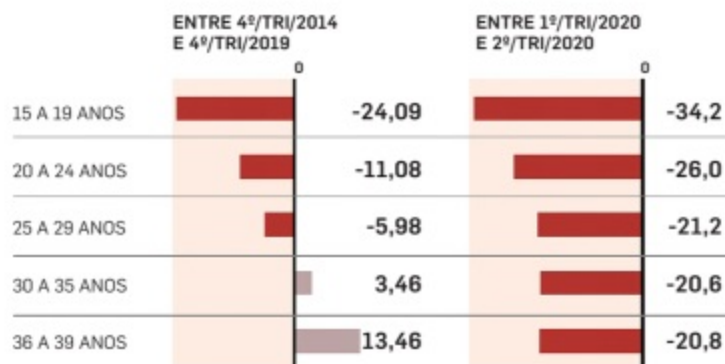
Realidade. Edna Telmo: 23 anos, formada em Letras e apenas um emprego até hoje em uma empresa de telemarketing

SEM EMPREGO E SEM GRANA

Variação na renda por faixa etária

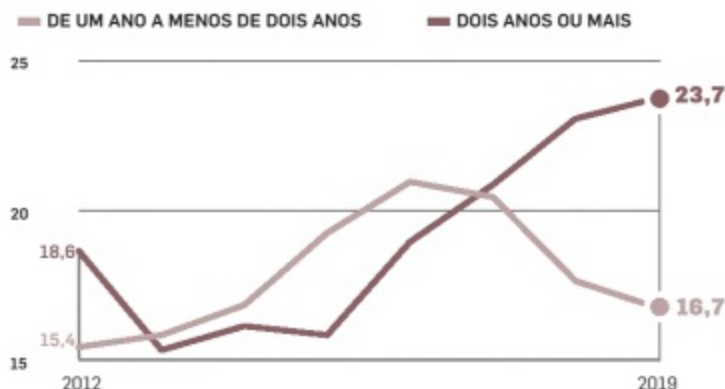
Mais jovens foram os que mais perderam renda

EM PORCENTAGEM



Participação de jovens de 18 a 24 anos desempregados conforme o tempo de procura por trabalho

EM PORCENTAGEM



FONTE: FGV SOCIAL, A PARTIR DOS MICRODADOS DA PNAD E TENDÊNCIAS CONSULTORIA

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

Programas de formação e incentivo fiscal podem ajudar

Para especialistas, é preciso qualificar jovens; projetos na área, porém, não têm capacidade para atender demanda

- Melhorar a conexão entre escolas e o mercado de trabalho é uma das medidas que podem reduzir o desemprego de quem está começando a vida profissional, segundo o economista Marcelo Neri, diretor do FGV Social. “O País está muito atrasado nisso, mas a reforma que vem sendo feita no ensino médio, com trajetórias (que permitem a escolha de disciplinas pelo aluno), vai na direção correta.”

Programas como o Formare, da Fundação Iochpe, estão entre os que estreitam essa conexão. O Formare oferece formação profissional a jovens em situação de vulnerabilidade por meio de parcerias com empresas. De seus alunos, uma média de 83% conseguem se inserir no mercado, mas a demanda é muito maior do que a capacidade da fundação. Desde o ano passado, são cerca de 80 candidatos por vaga; antes, eram de 30 a 40.

“Uma coisa que poderia ajudar bastante seria uma lei de incentivo fiscal para a educação, como temos para o esporte e para a cultura. Existe essa necessidade porque os colégios não estão preparados para apoiar o jovem na transição entre a saída das escolas e a entrada no mercado de trabalho”, diz o presidente da Fundação Iochpe,

Cláudio Anjos. O incentivo fiscal permitiria que mais empresas destinassem recursos a projetos de formação profissional.

No curto prazo, porém, programas de transferência de renda, como o Bolsa Família ou o

auxílio emergencial, estão entre as poucas saídas para amenizar a crise entre os jovens, de acordo com o economista Naercio Menezes Filho, professor do Insper. Para ele, no entanto, a única forma de realmente re-

solver o problema do desemprego entre os jovens é com crescimento econômico. “O País tem de crescer, ter produtividade. Esse é o melhor caminho. Quanto antes crescer, começa a gerar emprego de novo.”

Presidente do Fórum da Juventude da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, Marcus Barão destaca que medidas que apoiam o empreendedorismo e incluam qualificação, acesso a crédito e desburocratização podem ajudar os jovens. Programas como o Jovem Aprendiz, acrescenta Barão, que constroem um caminho para o primeiro emprego, também são positivos. “Percebemos que jovens que participam desse programa se sen-

tem mais estáveis e lidam melhor emocionalmente com a pandemia.”

Iniciativas que permitam empregadores contratarem jovens pagando menos tributos também são bem vistas por Barão desde que não reduzam direitos já adquiridos. No caso do contrato Verde Amarelo – criado pelo governo de Jair Bolsonaro, mas cuja Medida Provisória perdeu validade –, Barão aponta problemas por se sobrepor à Lei do Estágio.

“Qualificar o jovem é o mais importante”, diz Barão. “Se não fizermos isso, corremos o risco de milhões de pessoas deixarem de participar da economia, produzindo e consumindo. Com qualificação, além da possibilidade de os jovens se realizarem como cidadãos, serão capazes de oferecer algo para as gerações seguintes.”/L.D.



FUNDACAO IOCHPE

Conexão. Programa Formare oferece formação profissional a jovens em situação vulnerável

“O País tem de crescer, ter **produtividade**. Esse é o melhor **caminho**.”

Naercio Menezes Filho, economista e professor do Insper



‘Efeito cicatriz’: crise ameaça carreira

Desemprego no início da trajetória pode ter impacto durante toda vida profissional

Marcas da Covid



Luciana Dyniewicz

Além de a situação atual para os jovens já ser ruim, o futuro também não é nada promissor. Estimativas da consultoria Tendências apontam para um crescimento fraco do Produto Interno Bruto (PIB) na próxima década, com uma média de 2,4% ao ano até 2029. O mercado de trabalho deverá responder de modo gradual a isso, com a taxa de desemprego em dois dígitos pelo menos até 2029, quando deverá cair a 10,3% – hoje está em 13,8%.

“O desemprego vai ficar mais alto no ano que vem, preve-mos 15,7%, com pessoas que hoje estão fora do mercado começando a procurar ocupação. Para o mercado dos jovens, não vislumbramos um cenário otimista”, diz o economista Lucas Assis, da Tendências.

Se o cenário previsto por Assis se concretizar, os jovens bra-

sileiros terão enfrentado, até o fim da próxima década, 15 anos de crise laboral, o que poderá marcar toda a trajetória profissional deles. Estudos apontam que as condições iniciais do mercado de trabalho podem interferir no salário e no emprego dos jovens durante toda sua vida, o que os especialistas chamam de “efeito cicatriz”. Assim, quanto maior o desemprego no começo da carreira, menor o rendimento futuro.

“O jovem, quando sai da escola, precisa experimentar várias ocupações para saber qual combina melhor com suas habilidades. Se entra no mercado de trabalho numa recessão, ele não tem essa possibilidade de experimentar ou fica desmotivado, perdendo conhecimento”, diz o economista Naercio Menezes Filho, professor do Insper.

Bruna Gabrielle Esteves, de 19 anos, faz parte do grupo de jovens que não têm conseguido se inserir no mercado e que podem sofrer impactos negativos durante toda a vida profissional. Bruna começou a estudar enfermagem no ano passado e tenta

SEM VAGAS

● Diferença entre desemprego de jovens e da população em geral aumentou desde a crise de 2015

Taxa de desemprego por faixa etária



FONTE: TENDÊNCIAS CONSULTORIA

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

TABA BENEDETTO / ESTADÃO



Futuro. 'Esperança é que tenha emprego quando terminar a faculdade', afirma Bruna

uma vaga desde os 17 anos.

"Procuro nas redes sociais. Também me cadastrei em quase todos os sites de emprego. Mas são poucas as vagas e, quando tem, a concorrência é muito grande e dão preferência para quem tem experiência. Fico na

esperança de que, quando termine a faculdade, tenha emprego."

Violência. Menezes Filho afirma ainda que estudos feitos na Inglaterra mostram que recessões no início da carreira profissional também aumentam a pro-

babilidade de os jovens entrarem para o crime, além de reduzir a produtividade do país. "Ou ele pode começar no crime ou ir trabalhar como entregador de aplicativo, que é o que tem hoje. Ele não vai alcançar a produtividade que teria nem a

Entraves expostos por covid e soluções

● Ao fazer o desemprego disparar e o PIB afundar, a pandemia da covid-19 exacerbou desigualdades preexistentes no País e criou novos problemas para o atual modelo econômico e social. Em meio à quarentena, por exemplo, transformações ganham velocidade, como a digitalização das empresas, que garante ao mundo corporativo maior produtividade, mas também expulsa trabalhadores do mercado. A partir de hoje, o 'Estadão' começa a publicar reportagens especiais que debaterão os problemas expostos pelo novo coronavírus e possíveis soluções.

satisfação pessoal. Vai se acomodar em um nível mais baixo, com salário inferior. O país todo perde."

O economista Marcelo Neri, diretor do FGV Social, lembra que a crise dos anos 1980 no Brasil foi um dos fatores que levou a taxa de criminalidade no País a patamares mais altos nos 15 anos seguintes. Segundo ele, o "efeito diploma" também pode perder sua eficácia.

"Logo que alguém consegue um título, o ganho de renda costuma ser maior. Se se perde essa janela de oportunidade por causa da pandemia, é possível que não haja uma recuperação depois", diz Neri.

Apesar do quadro desanimador, há um fator que pode ajudar o jovem. A quarentena imposta pelo coronavírus tem acelerado a transformação digital das empresas e os jovens têm mais facilidade para lidar com essa nova economia.

"Mesmo tendo sido os mais afetados, eles dispõem de instrumentos para tentar se inserir nas novas tendências", acrescenta o diretor do FGV Social.

ENTREVISTA

Lucas Oggiam, diretor da Page Personnel

‘É possível diminuir os impactos da crise’

Para diretor de empresa de recrutamento, quem está no início da carreira deve ser mais flexível ao buscar emprego

Driblar completamente a crise é impossível, afirma Lucas Oggiam, diretor da empresa de recrutamento Page Personnel. Há, porém, como minimizar os impactos dela. Abrir-se para vagas que não são as ideais, empreender e buscar qualificação são opções para quem está atrás de emprego. Oggiam afirma também que os jovens têm de fazer currículos simples, além de evitar assuntos polêmicos nas redes sociais.

● É possível driblar a crise?

Não tem como não sofrer de alguma forma, mas tem como diminuir os impactos. Estamos vivendo um momento em que ainda há vagas, mas nem sempre é a que a pessoa quer. Então, é preciso flexibilização. Talvez a posição dos sonhos não esteja disponível e o jovem vai ter de ganhar experiência ou seguir caminhos alternativos. Outra coisa importante é: se a oportunidade ideal não está disponível e você só quer seguir aquilo, aproveite agora para estudar. O Brasil tem carência de profissionais qualificados. Se você está terminando a faculdade, pode fazer uma pós-graduação e se dedicar de forma mais intensa.

- ♦ Uma terceira dica é empreender. Vai ser um desafio grande, mas você vai aprender muito.

● Quais as alternativas para quem ainda está saindo do segundo grau e precisa trabalhar?

Acho que ser mais flexível em relação às vagas e empreender

se aplicam para esses. Também é um momento para eles estudarem. Nos últimos 12 meses, cursos gratuitos online têm aumentado muito.

● Há jovens que estão procurando emprego há dois anos. Para eles é mais difícil conseguir uma vaga? O que fazer nesse caso?

Na crise, a maioria das empresas não está disposta a contratar alguém para treinar e desenvolver profissionalmente. Elas precisam contratar gente para apagar incêndio. O mercado de trabalho é bastante injusto nesse sentido e é mais difícil, sim, para quem está afastado há mais tempo. Para esses profissionais, investir na construção de uma rede de contatos é crucial. Ser indicado ajuda muito esses profissionais. Quando você indica alguém é porque conhece os valores intangíveis da pessoa. E esse profissional talvez precise ser mais avaliado por isso do que pelo conhecimento técnico.

● O que os jovens que nunca trabalharam devem escrever no currículo?

O currículo deve ser o mais simples e objetivo possível. Tem de ser fácil de olhar e de se buscar a informação. Se não tem experiência, é melhor colocar apenas a formação e ponto. O jovem também tem de cuidar nas redes sociais. A foto no LinkedIn deve ser profissional, com fundo e roupa neutros. Quanto menos posicionamento no LinkedIn sobre assuntos polêmicos, como religião e política, melhor. Hoje, os recrutadores olham menos nas redes sociais pessoais, mas alguns ainda olham. Então, se você puder se abster de assuntos polêmicos no Facebook também é melhor. / L.D.